

QUANDO A MORTE É MOTIVO PARA COMEMORAÇÃO?: Emoções aversivas, julgamentos morais e política¹

WHEN DEATH IS A CAUSE FOR CELEBRATION?: Aversive emotions, moral judgements and politics

Henrique Mazetti²
Julia Lourenço³

Resumo: Num contexto de expansão da extrema direita e de fragilização de crenças humanistas que se sedimentaram no séc. XX, são bastante comuns expressões de satisfação pelo infortúnio de adversários políticos, especialmente nas plataformas digitais. Casos mais extremos desse fenômeno envolvem a comemoração da morte de inimigos ideológicos. Este artigo tem o objetivo de observar como emoções aversivas são articuladas na celebração da morte de Charlie Kirk e no modo como essas manifestações foram objeto de repulsa. Para tanto, analisamos publicações brasileiras sobre a morte do ativista ultraconservador estadunidense na plataforma X. As mensagens foram problematizadas a partir de um referencial teórico que compreende as emoções aversivas como fenômenos socioculturais que expressam e naturalizam julgamentos morais. Os dados obtidos permitiram observar que os modos como os sentimentos hostis são mobilizados não são homogêneos e revelam diferentes valores sociais e projetos político-culturais.

Palavras-Chave: Redes sociais; Emoções aversivas; Juízos avaliativos; Política.

Abstract: In a context of expanding far-right ideology and weakening of humanist beliefs established in the 20th century, expressions of satisfaction at the misfortune of political adversaries are quite common, especially on digital platforms. More extreme cases of this phenomenon involve the celebration of the death of ideological enemies. This article aims to observe how aversive emotions are articulated in the celebration of Charlie Kirk's death and how these manifestations were met with repulsion. To this end, we analyzed Brazilian publications about the death of the American ultraconservative activist on the X platform. The messages were problematized from a theoretical framework that understands aversive emotions as sociocultural phenomena that express and naturalize moral judgments. The data obtained allowed us to observe that the ways in which hostile feelings are mobilized are not homogeneous and reveal different social values and political-cultural projects.

Keywords: Social networks; Aversive emotions; Evaluative judgments; Politics.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor do Departamento de Comunicação Social da UFV e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Regionalidades, UFV. Doutor em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ. E-mail: mazetti@ufv.br.

³ Mestranda em Comunicação e Regionalidades, UFV. Jornalista pela UFV. E-mail: julia.lourenco@ufv.br

1. Introdução

A celebração pública desdenhosa do infortúnio de adversários políticos tem se tornado um fenômeno recorrente e de intensa visibilidade na cultura contemporânea, especialmente no contexto das plataformas digitais. Algumas das versões mais extremas desse tipo de situação podem ser observadas em casos de falecimento de figuras públicas notórias por suas posições políticas. As mortes de Marielle Franco e Olavo de Carvalho, por exemplo, foram acompanhadas não só de esperadas manifestações de luto e homenagem aos falecidos, mas também de intensa comemoração de seus inimigos ideológicos (Biar e Paschoal, 2020; Valente, 2023; Pereira, 2024; Bucci, 2022).

As expressões midiáticas de satisfação com a morte de opositores, como nos casos mencionados, não passam despercebidas e são, frequentemente, objeto de reprovação. Em parte, a censura se origina de antigas convenções sociais sobre a inadequação de falar mal dos mortos. A conhecida frase em latim *De mortuis nil nisi bonum dicendum est* (dos mortos, nada além de coisas boas se deve dizer) demonstra a antiguidade da tradição. Mas as controvérsias também explicitam negociações atuais sobre os limites da exposição pública de emoções aversivas. Se a sabedoria antiga e popular afirma que a morte não pode ser objeto de festejo, a inflamada sensibilidade emotiva contemporânea coloca a questão em debate: existem mortes que podem ser celebradas? Quem pode se satisfazer com uma morte? As respostas para essas questões, antes aparentemente estabilizadas, já não são tão autoevidentes.

Este artigo aborda esse fenômeno a partir da análise da reverberação nas plataformas digitais, no Brasil, da morte do ativista de extrema direita dos Estados Unidos, Charlie Kirk, assassinado em 10 de setembro de 2025⁴. Mesmo que o caso tenha ocorrido no exterior, ele gerou intensos debates no ambiente midiático nacional. Enquanto alguns expressaram contentamento (ou, pelo menos, ausência de comoção) com a morte do ativista, outras pessoas e figuras públicas reagiram de forma contundente ao desdém pelo falecimento do ativista ultraconservador. A resposta que gerou mais repercussão foi a campanha proposta

⁴Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2025/09/campanha-por-demissoes-de-quem-celebrou-morte-de-charlie-kirk-poe-nikolas-entre-os-mais-comentados-nas-redes.ghtml>. Acesso em 22/02/2026

pelo deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) para que empresas demitissem funcionários que demonstrassem satisfação com a morte de Kirk.

O objetivo deste artigo é observar como emoções aversivas são articuladas na celebração da morte de Charlie Kirk e no modo como essas manifestações foram objeto de repulsa. Para tanto, analisamos mensagens coletadas na plataforma X sobre o acontecimento. Os dados obtidos foram interpretados com a ajuda de um arcabouço teórico que articula uma compreensão sociocultural e política das emoções (Ahmed, 2012; Plamper, 2020; Coelho e Rezende, 2010), considerações sobre o caráter moral das emoções aversivas (Solomon, 2008; Kolnai, 1998) e observações sobre as possibilidades de estudos sobre a emoção no campo comunicacional (Freire Filho, 2017; Ferreira e Simões, 2025).

Os estudos socioculturais sobre emoções ainda são relativamente novos no campo comunicacional brasileiro, mesmo que já possuam décadas de consolidação em áreas próximas, como discussões nos campos da história, da antropologia e da sociologia das emoções confirmam. Acreditamos que, ao transformar as emoções envolvidas no fenômeno em uma chave interpretativa central para o acontecimento, seja possível fornecer uma perspectiva teórica e analítica que dialoga e amplia estudos sobre temas semelhantes no campo comunicacional, informados pela análise das lógicas das plataformas digitais ou por distintas vertentes da análise de discurso.

O artigo se divide em três seções. Na primeira, apresentamos os referenciais teóricos da pesquisa, que tem os objetivos centrais de expor algumas noções fundamentais para a compreensão das emoções por uma perspectiva sociocultural, que estruturam a análise realizada; e discutir as relações entre emoções aversivas, como o ódio e o ressentimento, e moralidade. Em seguida, discorremos sobre o percurso metodológico utilizado e como o arcabouço teórico apresentado pode ser incorporado na análise das mensagens midiáticas coletadas. A última seção apresenta os resultados da análise. Para tornar os achados analíticos compreensíveis, organizamos as considerações em dois eixos, que se desdobram em algumas subdivisões apresentadas posteriormente: mensagens que repudiam a comemoração da morte do ativista e mensagens que celebram ou acionam memes sobre a morte de Charlie Kirk.

Os dados analisados permitiram confirmar a premissa teórica de que as formas de mobilização das emoções aversivas nas mensagens coletadas não são homogêneas ou equivalentes. Pelo contrário, é possível perceber lógicas morais e políticas bastante distintas em conjuntos de mensagens variados. Ao analisarmos o objeto do sentimento hostil, quais



atitudes a expressão da aversão convoca e como as emoções aversivas qualificam os indivíduos e organizam relações sociais, podemos afirmar que mais do que uma recusa ou um combate às emoções aversivas, é preciso compreender o que está em disputa em situações de hostilidade.

2. Referencial teórico

No posfácio de uma recente reedição de seu livro sobre o ressentimento, Kehl (2020) se junta a outros analistas sociais, como Souza (2017), para argumentar que o ressentimento é uma das principais chaves interpretativas do cenário político brasileiro dos últimos anos, marcado pela ascensão da extrema direita. A tese, já bastante conhecida, sugere que a radicalização de estratos conservadores da sociedade foi impulsionada por um sentimento difuso de insatisfação com as políticas sociais dos governos do PT, que permitiram às classes mais baixas acesso a espaços e direitos antes exclusivos às classes mais abastadas. Fora do escopo de classe, o ressentimento também seria uma importante mola propulsora de movimentos conservadores que emergiram como uma resposta ao fortalecimento das lutas dos movimentos sociais em favor das minorias. O decorrente descentramento de modelos de identidade por muito tempo hegemônicos no imaginário social brasileiro teria gerado uma legião de ressentidos a respeito da reorganização de questões de gênero, raça e sexualidade (Kehl, 2020).

Ainda que tal linha argumentativa abra proveitosas possibilidades de análise dos conflitos econômicos, políticos e culturais da atualidade, é preciso observar que a retórica do ressentimento também é abraçada pelos porta-vozes da extrema direita. Mobilizações sociais em favor da igualdade racial ou de gênero, por exemplo, são costumeiramente descritas por gurus da extrema direita como estratégias de vitimização orientadas pelo ressentimento daqueles que não teriam força para justificar seus modos de ser sem intervenções do Estado ou de outras instâncias da sociedade. Críticas às desigualdades sociais são, não raro, apresentadas como expressão de um ressentimento invejoso contra aqueles que se destacam e conseguem prosperar economicamente. Resulta daí percepções como a que Leandro Karnal articulou em um artigo opinativo:

Ressentidos são ambidestros [...] O ressentido de esquerda não faz sempre o caminho da equidade, faz o da dor que costura inveja com a ferida narcísica que tira seu sono [...] Com frequência o ânimo revolucionário de esquerda gera tiranos despóticos porque estava embasado na dor do poder e riqueza alheios [...] O de direita é muito comum [...] Na base histórica, o ressentido conservador é o velho fariseu do Evangelho: aparência de virtude e uma vontade imensa de controlar o outro pela teatralidade da sua benevolência positiva. (Karnal, 2019, on-line)

Em um movimento contrário ao feito por Karnal (2019), pretendemos analisar como as emoções aversivas são mobilizadas no cenário político e cultural brasileiro contemporâneo, no intuito de questionar as supostas equivalências entre discursos de esquerda e direita que envolveriam o ressentimento, o nojo, a raiva e, até mesmo o ódio. Partimos da premissa teórica de que o ressentimento – assim como as demais emoções aversivas –, longe de ser homogêneo (ou ambidestro), possui variadas formas de expressão, que buscam justificativas sociais em diferentes gramáticas morais, e nem todas podem ser pensadas única e exclusivamente como socialmente nocivas. Identificar, se não a virtude – como descreveu Brudholm (2008) a respeito do ressentimento –, mas a inevitabilidade de certas experiências de sentimentos hostis, talvez seja uma forma de nuançar as maneiras como compreendemos os modos de aversão (Kolnai, 1998).

Analisar como as emoções aversivas são articuladas no discurso midiático permite, portanto, a possibilidade de observarmos como hierarquias de valor e julgamento moral são negociadas na sociedade. Neste artigo, problematizamos mensagens na plataforma X que celebram a morte do ativista ultraconservador Charlie Kirk ou censuram a expressão de satisfação com o ocorrido, na expectativa de observar os distintos modos como os sentimentos hostis são mobilizados em torno do acontecimento. Esse movimento envolve abdicar de rotulações positivas ou negativas para os sentimentos hostis para compreender como as formas de aversão presentes nas mensagens analisadas sinalizam ambiguidades, disputas políticas e dilemas morais.

A naturalização dos saberes psi como principal quadro interpretativo sobre as emoções ocorrida durante o século XX contribuiu para que atualmente impere uma compreensão das emoções como um fenômeno fundamentalmente individual, interiorizado, universal, em grande parte involuntário e corporal (Rezende e Coelho, 2010). Nessa perspectiva psicobiológica, as emoções são costumeiramente divididas entre “positivas” e “negativas”. A ascensão da “psicologia positiva” (Binkley, 2010) nas últimas décadas demonstra como esse

tipo de classificação das emoções resulta numa leitura estritamente médica e normativa, que prescreve quais seriam as emoções saudáveis, transformadas em ideais a serem atingidos, e quais seriam as emoções passíveis de reprovação social ou, até mesmo, intervenção clínica. A gestão social das emoções, ainda segundo Binkley (2010), acompanharia a racionalidade governamental de sua época, atribuindo valor positivo às emoções que contribuem para avançar determinado projeto de sociedade, enquanto censuraria expressões emotivas que colocam em risco uma certa distribuição de poderes estabelecida.

Fora do escopo psicobiológico, entretanto, discussões desenvolvidas na filosofia, na história e nas ciências sociais demonstram como as emoções são resultado de normas e valores culturais historicamente situados, ao mesmo tempo em que contribuem para sedimentar tais normas e valores (Plamper, 2020; Rosenwein, 2011). As emoções possuem uma densa política cultural, que estabelece, em diferentes situações e contextos, os modos corretos e desejáveis de sentir, além de determinar quem pode ou não expressar certa emoção. A vida emotiva é fruto de intensa internalização de regras sociais e é atravessada por relações de poder, que legitimam ou marginalizam formas de ser e estar no mundo (Abu-Lughod e Lutz, 1990).

Ahmed (2012) argumenta que as emoções são relacionais. Elas orientam dinâmicas de aproximação e distanciamento. Em seu exacerbado maniqueísmo, o ódio apresentaria uma força agregadora singular, em que um “nós” se formaria com o objetivo de proteger o objeto do amor contra “eles”, os objetos do ódio. Na perspectiva de Ahmed, as emoções não são, necessariamente, fenômenos internalizados. As emoções circulam em signos que “grudam” em certos grupos e pessoas e as descrevem como pessoas odiosas ou aterrorizantes. A mídia tem um papel fundamental na circulação de signos que alimentam a pedagogia cultural que transforma especialmente as minorias em figuras que remetem ao asco, ao medo ou ao ódio.

No campo comunicacional, como observa Freire Filho (2017), as pesquisas sobre comunicação e emoções tendem a privilegiar uma compreensão dos fenômenos afetivos restrita ao campo da psicologia, em que a mídia surge como um artifício indutor das emoções. Entendida como gatilho de emoções concebidas como universais e estáveis, a mídia é reprovada por difundir pânico, medo ou qualquer que seja o efeito emocional indesejado provocado pelo objeto midiático em análise. Ou, então, caso as emoções sejam consideradas desejáveis, celebra-se a capacidade da mídia de promover emoções “positivas”. Por um viés aplicado, as reflexões sobre mídia e emoções envolvem, ainda, o desenvolvimento e a

aferição de técnicas para suscitar as emoções convenientes para um objetivo comunicacional específico, como em certos estudos sobre a psicologia nas áreas do *marketing* e da publicidade.

Associado a uma vertente “cognitivista” das emoções, que enfatiza os aspectos mentais das emoções em contraposição às suas dinâmicas corporais, Solomon (2008), em seus últimos trabalhos, incorporou certas considerações biológicas e fisiológicas a respeito dos processos emotivos em seus argumentos. Contudo, fiel à vertente cognitivista, seu maior interesse ao pensar as emoções é orientado por um questionamento ético, motivado pela premissa de que as emoções, como movimentos do corpo e da alma, são juízos avaliativos. A articulação entre emoções, ética e moralidade não é nova. Uma longa tradição que remonta a pensadores como Aristóteles, iluministas escoceses como Adam Smith e Hume e propositores europeus da fenomenologia, como Max Scheler, sugere, a partir de diferentes pontos de vista, em variados momentos históricos, que as emoções são modos de avaliação orientados por regras sociais, ainda que possam ser, muitas vezes, articulados apenas de forma corporal, como “valores viscerais” (Korsmeyer e Smith, 2004). Para Scheler, os sentimentos seriam a base cognitiva para a ética, da mesma forma que o pensamento racional fundamentaria a lógica. As emoções seriam, portanto, um modo de apreender o mundo e fazer distinções de valor (Korsmeyer e Smith, 2004).

Se tomamos as emoções como fenômenos psicobiológicos meramente subjetivos, involuntários e irracionais, emoções como o ódio, o nojo, a raiva e o ressentimento têm seus aspectos destrutivos salientados. Os sentimentos hostis são desagradáveis. Aqueles para os quais as emoções aversivas são dirigidas são alvo de repugnância, desejo de aniquilação, correção ou exclusão do mundo. A experiência de sentir aversão está longe de ser prazerosa. Mesmo a raiva mais justa, a indignação moral mais certa de si é envolta em mal-estar. Não há autor que celebre os modos emocionais aversivos. Os sentimentos hostis se movem sob a sombra da violência: o medo de que sua condição existencial esteja em risco ou o desejo odioso de eliminar aquele que contradiz sua visão de mundo. Não é raro, portanto, que expressões de ódio e outros sentimentos hostis sejam tratadas como experiências extremas, como se elas não fizessem parte do cenário de um cotidiano sadio. Na contemporaneidade, uma forma de escamotear os sentimentos hostis que estruturam a sociedade e são mobilizados no dia a dia para renovar o racismo, a misoginia e outros modos de exclusão é tratar as emoções aversivas como desvios de caráter individual, como características pessoais de

loucos, perversos, psicopatas e outros tipos de indivíduos desequilibrados mentalmente. A medicalização do ódio e da aversão contribui para individualizá-los e para ocultar sua presença constante e cotidiana em distintas instâncias e práticas sociais (Freire Filho, Anjos e Lopes, 2020).

Entretanto, se compreendemos as emoções como juízos morais, avaliações emotivas orientadas por normas socioculturais, constantemente negociadas no campo da cultura e da mídia, podemos observar que as emoções aversivas talvez sejam incontornáveis. Mais do que censurá-las, a questão é, portanto, questionar quais regras as organizam, contra quem elas se dirigem, quem pode expressá-las, o que elas fazem ou que atitudes elas convocam. Diversos autores fornecem considerações sobre as emoções aversivas que possibilitam que elas sejam descritas, diferenciadas e analisadas a partir de uma perspectiva política e sociocultural.

Solomon (2008) se dedica a comentar sobre as “emoções desagradáveis”, como o ressentimento, o ódio e o desprezo. Uma forma de distingui-los e demonstrar como eles estão envolvidos em juízos avaliativos seria observar como a emoção posiciona o sujeito em relação ao objeto da aversão em hierarquias de valor. O desprezo se organizaria em torno da avaliação da superioridade daquele que despreza o que é desprezado. A hostilidade se expressa muitas vezes na classificação do objeto como aquilo que é inferior, desprovido de *status*. O ressentimento, por sua vez, seria resultante da avaliação do sujeito como inferior. A aversão ressentida seria motivada pela crença de que a inferioridade do ressentido é fruto das ações do alvo do ressentimento. Já o ódio seria uma emoção aversiva marcada por uma rivalidade igualitária. O ódio não se dirige a alguém ou a algo por ser considerado superior ou inferior, mas pela própria competição para existir no mundo. Solomon (2008) oferece ainda outras distinções e considerações analíticas que possibilitam a problematização de como os sentimentos hostis atuam para reforçar ou desestabilizar processos, valores e normas sociais.

Em sua obra sobre o nojo, Miller (1998) também discute as aproximações e os distanciamentos entre o asco e outras emoções aversivas como o medo, o tédio, o horror e o ódio. O autor demonstra, em ricos detalhes, que, se, por um lado, todas essas emoções podem ser descritas como sentimentos morais de reprovação, cada uma delas opera em uma lógica própria, mesmo que possam se conectar em algumas situações. Além disso, as emoções aversivas não devem ser compreendidas em termos de intensidade. A acumulação da raiva não a transforma em ódio, o nojo profundo não resulta em desprezo. Mesmo que ambos se organizem a partir de um sentimento de superioridade em relação àquilo que se despreza ou

aquilo que provoca asco, nojo e desprezo podem ser entendidos como sentimentos opostos, na medida em que estabelecem relações de interesse extremamente conflitantes em relação ao objeto ao qual tais emoções se dirigem. Enquanto o nojo cria uma intensa relação de atração e repulsa, o desprezo pode se dirigir para seu objeto com benevolência e até piedade, já que se organiza pela ausência de atribuição de *status* ao que é desprezado.

Uma das mais profícuas distinções entre os modos de aversão é proposta por Kolnai (1998). Informado pela fenomenologia, o autor elabora uma distinção dos sentimentos hostis ao comparar como o medo, o nojo e o ódio são experimentados pelo sujeito que os sente, como cada emoção se dirige para o objeto que a provocou – o que é conhecido, na fenomenologia, como *intencionalidade* – e como a emoção estrutura a relação entre sujeito e objeto. O medo seria uma emoção aversiva que destaca a própria condição existencial de quem se amedronta. O foco do medo não está em seu objeto (que pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, uma ideia, algo real ou fantasioso), mas na tentativa de preservação do sujeito, que busca se distanciar do objeto do medo. A fuga é, portanto, a dinâmica que se estabelece entre o sujeito e objeto do medo. Já a experiência do nojo transforma o objeto do asco em protagonista da relação entre o sujeito e o objeto. Ao se sentir enojada, a pessoa não se volta para si, como no medo, mas para aquilo que provoca o asco. Por isso que, apesar de se ordenar pela repugnância, o nojo também provoca uma ambivalente, mas quase irresistível, atração. O ódio seria uma emoção aversiva em que tanto o sujeito quanto o objeto são centrais em sua experiência, na medida em que o ódio pressupõe uma definição de si para o sujeito (é possível se identificar a partir daquilo que se odeia) e um intenso compromisso com aquilo que é odiado. O ódio seria, na concepção de Kolnai (1998), uma emoção que emana de uma condição existencial do sujeito que é inconciliável com a existência do objeto do ódio. Assim, o movimento produzido pelo ódio é o da aniquilação, física ou simbólica.

Além de tentativas de comparar e distinguir os sentimentos hostis, outros trabalhos procuram historicizar e contrapor distintas definições de emoções aversivas específicas. Fassin (2013), por exemplo, recupera as noções de ressentimento desenvolvidas pelos filósofos do iluminismo escocês e por Nietzsche e articula tais definições a estudos de caso sobre tribunais de reconciliação na África do Sul após o *Apartheid* e expressões de ressentimento de policiais franceses quanto à imagem pública da polícia. O autor demonstra, assim, que os papéis assumidos pelo ressentimento nos processos de subjetivação moral podem ser bastante antagônicos. Enquanto as vítimas do *Apartheid* se ressentiam de uma

injúria que consideravam imperdoável, os policiais franceses se ressentiam da perda de um *status* social perante a sociedade. Considerações específicas sobre o ódio (Brudholm, 2008; 2010) e outras emoções aversivas também podem contribuir para problematizarmos como fenômenos midiáticos como a celebração da morte de Charlie Kirk e as reprovações às expressões de satisfação pelo seu assassinato mobilizam os sentimentos hostis para articular os conflitos morais e políticos contemporâneos.

3. Considerações metodológicas

Este artigo é resultado de uma pesquisa exploratória e interpretativa, que possui o objetivo de compreender como emoções aversivas são articuladas na celebração ou na censura à comemoração da morte do ativista Charlie Kirk. A motivação para a escolha do caso como objeto de estudo ultrapassa sua particularidade e este é tomado como um recorte empírico específico de um processo mais amplo, que diz respeito às constantes expressões de satisfação pelo infortúnio de adversários políticos, especialmente nas plataformas digitais, num contexto político de fortalecimento da extrema direita e consequente fragilização de certas convenções sociais humanistas, como a crença na dignidade e no valor de toda vida humana. O referencial teórico apresentado na seção anterior sinaliza algumas decisões teórico-metodológicas que merecem ser destacadas.

Nosso trabalho não possui a intenção de responder, normativamente, à pergunta que dá título ao artigo. A pesquisa não pretende avaliar as mensagens analisadas a partir de um posicionamento teórico já estabelecido, mas não articulado, sobre quais são (ou mesmo se há) motivos para festejar uma morte. Ao contrário, a pergunta foi direcionada para as mensagens coletadas. Nas publicações que festejaram a morte do ativista estadunidense, o que legitimava o deleite com o assassinato de Charlie Kirk? Para aqueles que censuram as mensagens de comemoração, quais eram as justificativas para tal recusa? Para interpretar e problematizar as publicações coletadas, tomamos como suporte principal algumas considerações teóricas discutidas sobre emoções aversivas.

Pesquisas como as de Solomon (2008), Kolnai (1998), Fassin (2013), Brudholm (2008; 2018) e Miller (1998) fornecem elementos para distinguirmos emoções aversivas – como ressentimento, desprezo, raiva, asco e ódio. Em alguns casos, como nos trabalhos de Solomon

(2008) e Kolnai (1998), essa diferenciação se desenvolve a partir de observações específicas que podem ser consideradas nas mensagens analisadas. Kolnai (1998) sugere que uma emoção aversiva define certos atributos para quem a sente, quem ou o que é objeto dessa emoção e a relação de aversão estabelecida entre sujeito e objeto. Solomon (2008) discute como diferenças de *status* entre sujeito e objeto de sentimentos hostis caracterizam distintos modos de hostilidade. Brudholm (2010) observa que as emoções aversivas não podem ser pensadas apenas como estados mentais, mas também como atitudes ou predisposição para um certo tipo de ação.

Acreditamos que esse conjunto de orientações teóricas é consistente o bastante para fornecer ferramentas críticas para alcançar o objetivo de avançar na compreensão de como as emoções aversivas são articuladas em celebrações ou repúdio à expressão de satisfação com a morte de Charlie Kirk. A intenção ao se apropriar desse arcabouço teórico para problematizar as mensagens analisadas não é simplesmente identificar se uma mensagem expressa ressentimento, inveja ou ódio, mas construir – a partir das distinções entre emoções aversivas, suas caracterizações e elementos discutidos – uma forma de apreensão de ambiguidades morais e negociações políticas envolvidas nas discussões *on-line* observadas. Assim, nossa intenção não é combater as expressões de hostilidade, nem defendê-las, mas utilizá-las como chaves de interpretação para um fenômeno social extremamente complexo.

Uma vez apresentado nosso desenho metodológico mais amplo, discutimos o processo de obtenção dos dados e sistematização dos achados de análise. A coleta se deu por meio do buscador temporal na plataforma X (antigo Twitter), selecionando, no universo de milhares de postagens, aquelas que, de maneira explícita, tratavam da celebração da morte e da repulsa a essa celebração no período imediatamente posterior ao ocorrido – os dez primeiros dias após o fato. Em seguida, o marcador temporal foi removido, permitindo a inclusão de manifestações posteriores ao período de maior repercussão, gerando um *corpus* de quarenta e cinco mensagens divididas em textos, comentários, *prints*, imagens e vídeos, publicadas entre setembro e dezembro de 2025. Em sequência, as publicações foram organizadas em dois grandes eixos, que se subdividem ao longo da análise. A primeira separação ocorreu categorizando: a) postagens que repudiam a celebração da morte; b) publicações que celebram a morte ou a memetizam.

Tomamos como orientação metodológica para a coleta de dados a noção de “rastros digitais” desenvolvida por Grohmann (2019). Seria possível reproduzir a coleta de dados em

várias outras plataformas, assim como utilizar estratégias de automação para obtenção e pré-análise de um volume muito maior de publicações. Contudo, como Grohmann (2019) argumenta, não há como acessar a totalidade empírica de um fenômeno que se desenvolve nas plataformas digitais:

Se, pois, nunca é possível apreender toda a circulação de sentidos presentes na sociedade, e o que captamos são sempre rastros da circulação (com seus contextos e limitações), quando pesquisamos em mídias sociais, o que há é a busca por rastros digitais (BREITER; HEPP, 2018) na circulação de sentidos (Grohmann, 2019, p.154).

Retomaremos algumas limitações do nosso recorte empírico nas observações finais deste trabalho. Contudo, em consonância com a premissa de Grohmann (2019, p. 159) de que “o desenho da pesquisa deve sempre estar a mando do problema de pesquisa”, salientamos que nossa expectativa é coletar alguns “rastros digitais” da polêmica em torno da morte de Charlie Kirk e contribuir para a compreensão dos fenômenos comunicacionais vinculados a processos políticos contemporâneos, enfatizando a problematização da dimensão sociocultural das emoções mobilizadas no acontecimento em análise. A partir desse objetivo, estratégias de análise de plataformas, influência de algoritmos, monitoramento de métricas e demais aspectos centrais no desenho metodológico de outras pesquisas sobre mídias sociais ficam em segundo plano. Tal decisão se justifica uma vez que pretendemos tensionar as disputas de sentido em torno da morte de Charlie Kirk a partir de um referencial teórico que sinaliza que as emoções aversivas são julgamentos morais que refletem e naturalizam gramáticas morais específicas.

4. Análise

Como discutido anteriormente, as mensagens coletadas foram inicialmente separadas em duas categorias: mensagens que repudiam a comemoração da morte de Charlie Kirk e mensagens que efetivamente comemoravam o assassinato do ativista. Dentro da primeira categoria, foi possível observar que as mensagens possuíam um caráter mais homogêneo, se comparadas ao segundo conjunto – havia uma concordância explícita de que o assassinato de Charlie Kirk era uma tragédia e que qualquer manifestação de celebração sobre o fato era imoral. No entanto, foi possível observar distinções quanto à atitude a ser tomada diante de

tal comemoração. A partir disso, as publicações foram separadas em três subcategorias: i) publicações que repudiam a celebração separando as pessoas entre “eles” e “nós”; ii) mensagens de pessoas que, a partir da morte do ativista, anunciam sua identidade como minoria perseguida; iii) postagens que buscam uma mobilização punitiva e perseguição moral diante do assassinato e da resposta a ele.

Kolnai (1998) explica que é comum pensarmos nas emoções em pares opostos: “certamente estamos acostumados a contrastes aparentemente simétricos como gostar e não gostar, pró e contra, estar satisfeito ou insatisfeito, apetite e repugnância, atração e aversão, amor e ódio” (Kolnai, 1998, p. 581). Porém, é na dimensão das atitudes – aquilo que as emoções convocam, material e simbolicamente, a fazer – que as emoções se diferenciam e colocam as formas dicotômicas de organizá-las em questão:

Essa aparência de simetria está próxima o suficiente da verdade evidente, desde que nos atenhamos aos conceitos básicos altamente gerais de pró e contra, gostar e não gostar, ou aceitação e rejeição. Ela tende, no entanto, a desmoronar à medida que nosso interesse se volta para as formas específicas de atitudes emocionais pró e contra (Kolnai, 1998, p. 581).

Em consonância com o argumento teórico do autor, as mensagens analisadas nesta categoria são parte do mesmo conjunto de emoções aversivas – nojo, ressentimento, ódio –, mas a forma como elas se evidenciam e as práticas que mobilizam se diferem. O primeiro conjunto de publicações tem como atitude a distinção moral entre aqueles que celebram a morte de Charlie Kirk e aqueles que a lamentam. Na mensagem reproduzida na Imagem 1⁵, o usuário inicia seu texto expressando pesar, ao enviar uma mensagem de condolências à família e aos amigos do ativista, mas no parágrafo seguinte ele adjetiva todos aqueles que não compartilham de seu pesar como: “não são mais humanos normais, vocês são VERMES medíocres que precisam urgentemente de tratamento mental porque sua ideologia já comeu seus neurônios”. Em seguida, acrescenta: “ver gente comemorar a morte de uma pessoa por diferenças políticas é de embrulhar o estômago”.

O internauta usa o vocabulário do nojo, que evoca sentidos associados a imagens de decomposição, parasitas e a excrementos, para se separar daqueles que, em sua concepção, são imorais, valendo-se de expressões como “vermes”, cujos neurônios foram comidos, em

⁵ Disponível em: <https://x.com/wizardingbruno/status/1965893293709165026>. Acesso em: 06/01/2026.

uma situação “de embrulhar o estômago”. O movimento argumentativo estabelece primeiro sua própria posição e, em seguida, valora negativamente aqueles que discordam dele, colocando-os em uma posição degenerada e, por lógica, pondo o próprio usuário e aqueles que concordam com ele em uma posição de pureza e moralidade. A mensagem ainda incorpora a lógica de atribuir a uma emoção não bem-vinda uma condição patológica. O objeto de nojo são pessoas que precisam de “tratamento mental”, pois não são “minimamente equilibradas”. Ao se valer do nojo moral para fazer essa distinção, cria-se um imaginário típico dessa emoção. Como Miller (1998) observa, o asco moral encontra no hipocrisia um dos seus principais adversários – argumento confirmado na expressão “BANDO DE HIPÓCRITAS” expresso na mensagem do internauta – e opera como uma separação fundamental: o asco se organiza a partir da contenção e isolamento radical daquilo que é objeto de nojo.

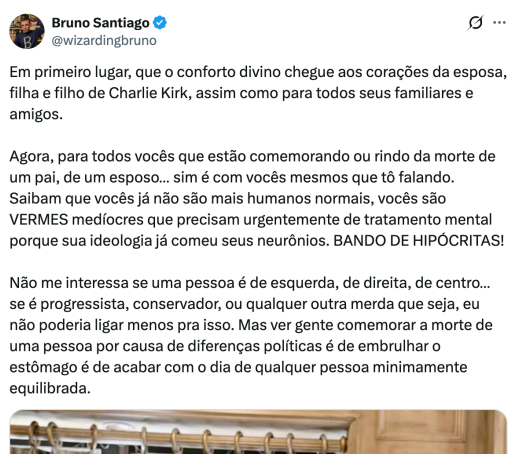


IMAGEM 1 – Reprodução de post

FONTE - X

O vocabulário do asco aparece em outras duas mensagens, de forma mais velada, porém ainda convocando a mesma atitude de separação, desta vez indicando uma impossibilidade de convivência também comum ao repertório do nojo. A Imagem 2 reproduz uma mensagem⁶ que se vale de um *print* de uma suposta publicação de Olavo de Carvalho chamando comunistas de “deformidades morais abjetas”. Para Kolnai (1998, p. 587), “o nojo é uma emoção eminentemente estética”. Ao falar de “deformidades abjetas”, a moralidade, para Olavo de Carvalho e para o usuário que o cita, ganha um caráter visual: quem não é

⁶ Disponível em: https://x.com/____egocentric/status/1966208341530566836. Acesso em: 06/01/2026

comunista possui uma moralidade uniforme; quem é, a deforma, não merecendo respeito e amizade. Cria-se uma separação típica do nojo, na qual é necessário eliminar o objeto de repulsa do campo de percepção, evitando seu contato (Kolnai, 1998).

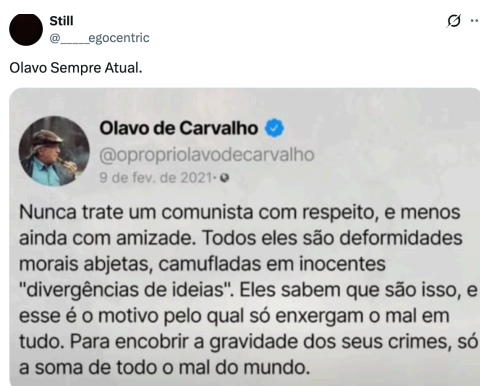


IMAGEM 2 – Reprodução De Post

FONTE - X

A mensagem⁷ reproduzida na Imagem 3 é menos explícita nesse sentido, mas a associação à doença é comum nas manifestações de nojo, que se baseia na ideia de limitar as possibilidades de contágio. O usuário é enfático em sua ojeriza por aqueles que comemoravam a morte de Charlie Kirk, mas sua posição é a de um *outsider* que chama aqueles que discutem política de “lunáticos capazes de qualquer absurdo para defender um lado”; porém, em seguida, ele pontua que os doentes são aqueles que comemoravam “a morte de um pai de família”. É possível perceber que, por mais que exista uma aversão a todos que “são políticos”, destacam-se como mais abjetos aqueles que celebram o assassinato de Charlie Kirk.

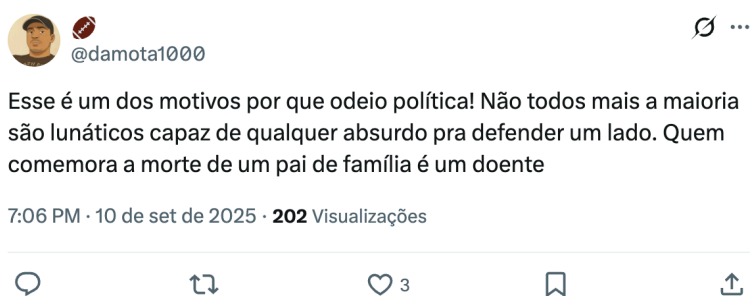


IMAGEM 3 – Reprodução de post

FONTE - X

⁷ Disponível em: <https://x.com/damota1000/status/1965899744544481464>. Acesso em: 06/01/2026.

A segunda subcategoria dentro do universo de mensagens que repudiam a celebração da morte do ativista é composta por aqueles que se apresentam como portadores de uma identidade perseguida. De forma semelhante ao grupo anterior de mensagens, existe uma diferenciação entre “nós” e “eles”, porém esta se baseia na distinção entre vítimas e algozes, enquanto no primeiro grupo a aversão se apresentava por uma conduta considerada inferior. Após a morte do influenciador Charlie Kirk, a hashtag #WeAreCharlieKirk – em tradução literal, “Nós Somos Charlie Kirk” – ganhou visibilidade nas redes. Apesar de não ter tido a mesma força no Brasil, como teve no exterior, seu sentido reverberou nas mensagens daqueles que, ao se compadecer pela morte do estadunidense, viram-se representados não apenas por seus ideais, mas também por sua morte. Nesse sentido, as publicações apresentadas nas Imagens 4⁸ e 5⁹ evidenciam duas formas pelas quais indivíduos que se identificaram com Charlie Kirk manifestaram ressentimento – ainda que por caminhos distintos – em relação à maneira como o assassinato do ativista foi tratado publicamente. A Imagem 4 é uma resposta à comemoração do cancelamento do programa do apresentador estadunidense Jimmy Kimmel após uma suposta piada sobre a morte do influenciador. No entanto, o usuário não compactua com a alegria pela censura do *talk show*, porque, em sua concepção, “o mal já foi feito”, e aqueles que são Charlie Kirk estão com “um grande alvo nas costas” e já são vítimas de potenciais violências que possam ocorrer, constituindo-se como uma minoria perseguida.

Esse tipo de ressentimento foi descrito por Fassin (2013) como *resentment*, uma emoção que não advém de uma resposta direta à opressão histórica, mas como expressão de descontentamento difuso diante de uma posição insatisfatória. Aqueles que são como Charlie Kirk – homem hétero, branco, conservador, cisgênero e cristão – não eram assassinados ou perseguidos por sua ideologia de direita; pelo contrário, ocupavam um lugar central na narrativa política nos EUA e no mundo. Porém, a morte do influenciador representa, na concepção destes direitistas, uma inversão das posições sociológicas. Agora, aqueles que são como Charlie são os oprimidos, as vítimas desumanizadas de uma “agenda *woke*” que assistem, impotentes, aos “seus” serem martirizados.

⁸ Disponível em: <https://x.com/MarcelMotta2/status/1968512387343856087>. Acesso em: 04/12/2025.

⁹ Disponível em: <https://x.com/EduardoBisotto/status/1966189222978539761>. Acesso em: 06/01/2026.

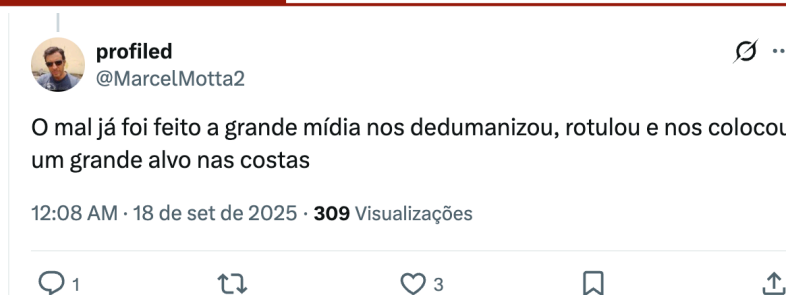


IMAGEM 4 – Reprodução de post

FONTE - X

A publicação¹⁰ reproduzida na Imagem 5 possui uma lógica semelhante, porém convoca outra atitude. O usuário conclama seus leitores, desde que alinhados à sua posição, a se reconhecerem na figura do influenciador assassinado – “eu e você somos Charlie Kirk”. Contudo, o interlocutor projetado é majoritariamente masculino. Para o público feminino, mobiliza-se outra personagem: Iryna Zaratuska, refugiada ucraniana fatalmente esfaqueada no metrô de Nova Iorque, cuja morte foi apropriada por setores da direita como exemplo de uma suposta “vítima da cultura woke”. Segundo essa narrativa, a ausência de socorro teria ocorrido por ela ser uma mulher branca, o que permite ao discurso ampliar a identificação: “sua esposa, sua irmã, sua mãe são Iryna Zaratuska”. Aqueles que não são Charlie Kirk e Iryna Zaratuska são apresentados como assassinos e, mesmo sem puxarem o gatilho, “comemoram, postam nas redes sociais, riem, se regozijam”, o que, para o usuário, seria uma postura equivalente à de atirar. Há em seu tom o mesmo ressentimento presente na mensagem analisada anteriormente; porém, ele não se mantém no lugar de vítima injustiçada típica dessa emoção. Ao fim de sua mensagem, o usuário clama: “EXTINÇÃO DA ESQUERDA JÁ”.

Sua lógica também é a do *resentment* proposto por Fassin: não há uma dominação histórica da direita; apesar disso, adere-se à ala política conservadora uma imagem de vítima de uma conspiração da sociedade. Porém, diferentemente da mensagem anterior, a atitude a ser tomada é explícita: seria necessário exterminar seus opositores. Nesse sentido, sua manifestação ganha contornos de outra emoção: o ódio. Para Kolnai (1998), o ódio se baseia na necessidade de destruição do objeto odiado; pode até existir “a luta por vantagens ou melhorias” (Kolnai, 1998), que, no caso, seria a volta ao *status quo* da direita, porém o fim é

¹⁰ Disponível em: <https://x.com/EduardoBisotto/status/196618922297853976>. Acesso em: 06/01/2026.

sempre a destruição. A posição que o usuário toma é categórica: aqueles que “são Charlie Kirk” e aqueles que comemoram sua morte não podem coexistir; é necessária a aniquilação – mesmo que simbólica – do outro grupo.

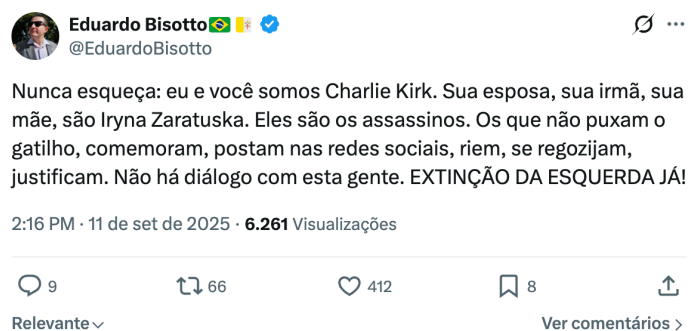


IMAGEM 5 -Reprodução de post

FONTE: X

A última subcategoria dentro do bloco de mensagens que repudiam a comemoração da morte de Charlie Kirk é a que articula o argumento mais comum encontrado: as manifestações que visam punição e perseguição moral. Essas mensagens focam na denúncia de pessoas e perfis que supostamente comemoraram a morte de Charlie ou pretendem estabelecer sanções para casos hipotéticos.

As mensagens reproduzidas nas Imagens 6¹¹, 7¹² e 8¹³ são exemplares dessa lógica. O perfil do vereador Rafael Satiê (PL-RJ) denuncia que um médico, em seu perfil privado, comentou os seguintes dizeres em uma notícia sobre o assassinato do podcaster: “freio de fascista é tiro”. No vídeo anexado à publicação, Rafael Satiê aponta que o médico fez um juramento, devia cuidar das pessoas, mas estaria comemorando a morte de alguém. Em seguida, ele expõe informações sensíveis – nome e local de trabalho –, pedindo a exoneração imediata do indivíduo, além de afirmar que vai garantir que o médico responda criminalmente pelo comentário (Imagem 6). Esse movimento é uma tentativa de fazer justiça a Charlie Kirk e à sua memória por meio da punição daqueles que comemoraram sua morte, sendo, assim, um ato de vingança. Solomon (2008) explica que, para tal ação existir, é necessário um senso de justiça e a urgência por um “acerto de contas”; para quem sente, “a vingança é totalmente adequada, até obrigatória, e a retaliação é tanto legítima quanto

¹¹ Disponível em: <https://x.com/rafaelsatiebr/status/1966617735758008801>. Acesso em: 04/12/2025.

¹² Disponível em: <https://x.com/cassoniroberto3/status/1966627481827282970>. Acesso em: 04/12/2025.

¹³ Disponível em: <https://x.com/MousinhoAndrea/status/1966794493731955156>. Acesso em: 04/12/2025.

justificada” (Solomon, 2008, p. 184), mesmo que, com frequência, essa não seja a realidade da situação.



IMAGEM 6 – Reprodução de post

FONTE – X

Ao pedir por investigação, cassação de registros profissionais e expulsão de escolas e universidades, esses usuários se apoiam em um “senso de equilíbrio” típico da vingança, que clama por “olho por olho, dente por dente”, não como mera punição, mas como condição para que o mundo volte ao seu equilíbrio. Assim, equiparam-se às manifestações positivas sobre a morte de Charlie Kirk a expulsão, demissão e cassação, o que satisfaria parte do desejo de vingança. Porém, como aponta o autor, a não restrição da vingança por meio da lei pode ser uma prática perigosa, uma vez que abre margem para fazer afirmações e convocar atitudes em nome desse equilíbrio, como indica a Imagem 7, que constrói um caminho lógico absurdo: se o médico disse que “freio de fascista é tiro”, então teria matado pessoas por serem bolsonaristas e deveria ser investigado por essas mortes hipotéticas; ou, a exemplo da Imagem 8, que convoca seus pares da direita para um “assassinato simbólico”, uma vez que não haja maldade ou vontade para a aniquilação física.

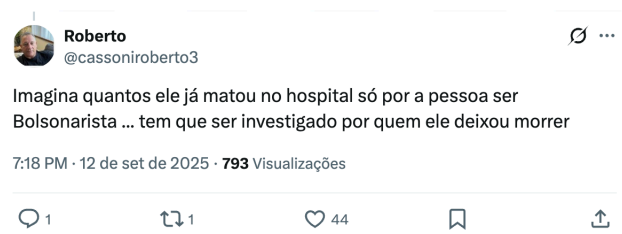


IMAGEM 7 – Reprodução de post

FONTE - X



Pessoas da direita/conservadores, não têm a maldade para querer matar alguém. Unidos, temos que trabalhar para "matar" SIMBOLICAMENTE essas pessoas. Ex: perda do emprego. Nunca contratar. Perda de contrato. Cassar os registros profissionais. Expulsar de escolas e universidades

IMAGEM 8 – Reprodução de post

FONTE – X

Outro caso notório de mobilização punitiva envolveu uma estilista vinculada à Vogue Brasil, que publicou em suas redes sociais o meme “I love when fascists die in agony” (“Eu amo quando fascistas morrem em agonia”). À época, a estilista alegou que a postagem se referia à condenação do ex-presidente Jair Bolsonaro; contudo, o movimento de punição que se organiza nas redes interpretou, a partir do contexto de circulação do debate, que a publicação fazia alusão direta à morte de Charlie Kirk. As publicações reproduzidas nas Imagens 9¹⁴ e 10¹⁵ evidenciam que a lógica mobilizada corresponde ao que Solomon (2008) denomina *vendetta*: quando a punição direta ao suposto ofensor não parece suficiente ou viável, a retaliação se desloca para instituições ou terceiros associados ao caso. Nesse sentido, como indica a Imagem 9, caso não fosse possível punir diretamente a estilista, a responsabilidade deveria recair sobre a revista, que seria pressionada a tomar medidas disciplinares, sob ameaça de boicote.



IMAGEM 9 – Reprodução de post

FONTE – X

¹⁴ Disponível em: <https://x.com/opilhado/status/1967729193325912142>. Acesso em: 04/12/2025.

¹⁵ Disponível em: <https://x.com/Hugobrax/status/1967747970083983658>. Acesso em: 04/12/2025.

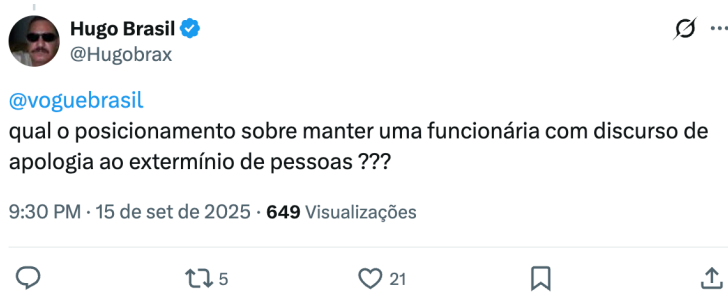


IMAGEM 10 – Reprodução de post

FONTE – X

O autor aponta que, em situações como essa, “as possibilidades de escalada são intermináveis” (Solomon, 2008, p. 113), uma vez que o desejo de punição passa a buscar continuamente novos alvos capazes de restaurar simbolicamente um senso de justiça percebido como violado. Assim, o foco desloca-se do ato inicial para uma cadeia de responsabilizações sucessivas – neste caso, da estilista para a revista que a emprega, no caso anterior, do médico para o hospital, para o poder público –, ampliando o alcance do conflito e transformando o episódio em uma disputa pública prolongada por reparação moral sem que houvesse uma tentativa de buscar punição para o assassino em si, mas sim para aqueles que mancham a honra de Charlie.

Ao apresentar a análise das mensagens que comemoram a morte de Charlie Kirk, é importante destacar que as publicações que condenavam a celebração da morte foram significativamente mais numerosas e alcançaram maior repercussão do que as postagens que, de fato, festejaram o ocorrido. Ainda assim, dois influenciadores emergiram como figuras centrais nas postagens que celebravam a morte: o jornalista e escritor Eduardo Bueno e o comediante Tiago Santineli, ambos atuantes no YouTube. No caso de Eduardo Bueno, a repercussão negativa foi intensa, com ampla circulação de um trecho específico do seu vídeo publicado no Instagram e reverberado no X¹⁶. Nele, o escritor afirma em tom jocoso: “Mataram o Charlie Kirk, ai coitado (...) é sempre terrível, né? Um ativista ser morto por suas ideias”, para em seguida sorrir, bater palmas e completar: “Exceto quando é o Charlie Kirk. Tem duas filhas pequenas. Que bom pras filhas. Que bom.”

¹⁶ Disponível em: <https://x.com/curtaramiro/status/1966577202520080456>. Acesso em: 08/02/2026.

O recorte foi compartilhado reiteradamente em diferentes contextos de denúncia e frequentemente associado a um trecho de sua participação no podcast “Mais Que 8 Minutos”. Embora, nesse segundo vídeo, o tema central não fosse a morte de Charlie Kirk, a lógica argumentativa mobilizada segue a mesma direção. “Eu desejo a morte”, declara Bueno, provocando aparente espanto no apresentador e seu interlocutor, Rafinha Bastos. Ele prossegue: “Torço quando eles morrem e vibro quando eles morrem. Quando morreu o Reagan eu festejei, quando morreu o Médici eu festejei, quando morreu a Margaret Thatcher”. Ao que Rafinha intervém, em tom irônico: “Que coração bom você tem”.

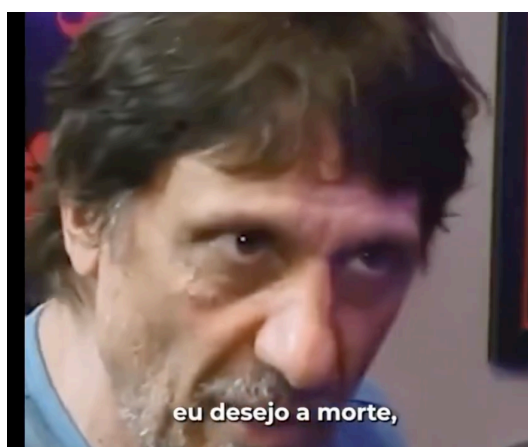


IMAGEM 11 – Print de vídeo comentado em publicações

FONTE - X

Fica claro que o que há na fala de Eduardo é um tipo de ódio, uma satisfação com a eliminação material de seu objeto odiado; porém, é possível analisar que não há nada pessoalizante na emoção, neste caso. Como Brudholm (2010, p. 11) afirma, “o ódio pode ser profundamente pessoal, direcionado contra um indivíduo específico. No entanto, uma característica marcante do ódio é que ele também pode ser sentido em relação a grupos e categorias inteiros”. Eduardo não comemora a morte de Charlie Kirk por quem ele é, mas pelo grupo do qual ele faz parte, o mesmo que comporta Reagan, Médici e Margaret Thatcher, porque, no julgamento de sua moralidade, esse grupo é odioso por si só, cujo mal que faz não é abstrato, mas material, criando a noção de que o mundo é melhor sem essas pessoas, conforme Kolnai (1998) define o ódio. Eduardo Bueno está, de fato, comemorando a morte de Charlie Kirk, mas não de forma pessoal e específica, e sim pelo que ele representa, as ideias e posicionamentos políticos que Kirk defendeu.

O caso do segundo influenciador, Tiago Santineli, segue o mesmo caminho, porém utilizando o humor para pontuar o festejo pela morte. Na publicação¹⁷ reproduzida na Imagem 12, ele também se baseia na ideia de que Charlie Kirk fazia parte de um grupo odioso; por isso, sua morte não mereceria condolências. Nesse caso, afirma que, uma vez que um grupo nazista o homenageou, sua morte o alinharia a esse grupo. A segunda parte de seu post confirma o caráter odioso da manifestação: segundo Santineli, a morte só não seria mais “agradável” porque foi outro conservador, como o próprio Charlie Kirk, quem o assassinou. Para Brudholm (2010), o ódio, muitas vezes, baseia-se em fantasias ilusórias sobre o objeto da emoção, mas também pode possuir lastros na realidade. No caso da mensagem de Tiago Santineli, a emoção não está baseada apenas em fantasias, mas se ancora em fatos que efetivamente aconteceram. Grupos nazistas se organizaram em prol da morte do *podcaster*, e o assassino cresceu em uma família conservadora; contudo, mesmo que esse não fosse o caso, sua posição de ódio não necessariamente se alteraria.

Por conta dessa postagem, o humorista teve seu visto revogado para os EUA. O perfil oficial do país no X anunciou, inclusive, a anulação do documento. No entanto, no dia 23 de outubro, o humorista publicou um vídeo em seu perfil na rede social dizendo que os patriotas conservadores comemoraram o fato de ele ter sido banido dos EUA por causa da piada envolvendo Charlie Kirk e, por isso, não poderia visitar a Disney.

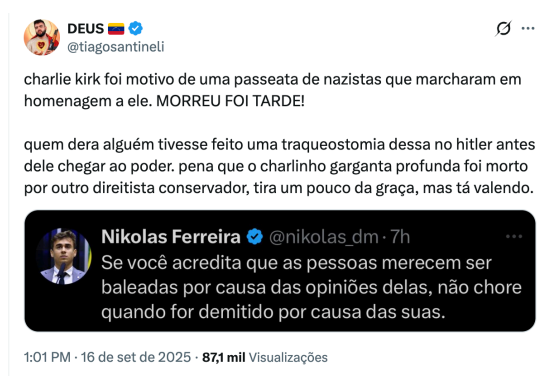


IMAGEM 12 – Reprodução de post

FONTE – X

Na publicação¹⁸ reproduzida na imagem 13, Santinelli aparece na Disney de Paris e faz uma lista de todas as pessoas que, de fato, não poderiam visitar a Disney, citando o

¹⁷ Disponível em: <https://x.com/tiagosantineli/status/1967982251762958800>. Acesso em: 05/02/2026.

¹⁸ Disponível em: <https://x.com/tiagosantineli/status/1981417866613194936>. Acesso em: 08/02/2026.

ex-presidente Jair Bolsonaro, Carla Zambelli, Olavo de Carvalho e Charlie Kirk. Segundo as considerações de Brudholm (2010), o comportamento de Tiago Santineli ilustra o ódio não como uma “paixão momentânea” e irracional, mas como uma atitude persistente e obstinada que se ancora em julgamentos morais sobre uma suposta “essência odiosa” do objeto. Mesmo diante de uma sanção movida internacionalmente contra ele, Tiago ainda utiliza o humor para celebrar a morte de Charlie Kirk. Assim, a persistência do humorista em manter o tom sarcástico após as penalidades oficiais reforça a tese de que o ódio funciona como uma configuração estável da relação com o mundo.

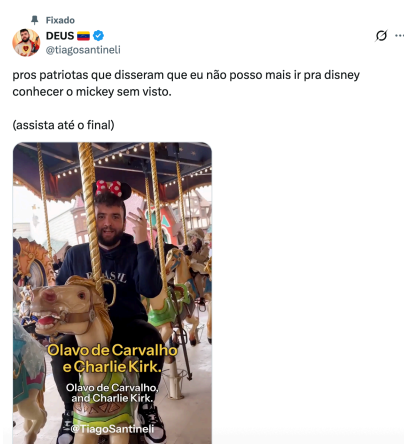


IMAGEM 13 – Reprodução de post

FONTE – X

4. Observações finais

Seria reconfortante encerrar o texto com afirmações sobre o valor singular de cada vida, o respeito pela dignidade humana em momentos de extrema vulnerabilidade e como nenhuma morte deveria ser motivo de comemoração. Todavia, nas mensagens analisadas, tanto entre aqueles que comemoravam a morte de Charlie Kirk, quanto nas mensagens que repudiam a celebração, não são mobilizadas emoções de compaixão e solidariedade.

Nas mensagens que festejam a morte do ativista imperam sentimentos hostis que são explicitamente justificados pelas ideias que Charlie Kirk defendia. Após seu assassinato, foi divulgada em vários espaços uma declaração do ativista em que ele afirmava que “vale a pena ter um custo de, infelizmente, algumas mortes por armas de fogo todos os anos para que

possamos ter a Segunda Emenda"¹⁹, sendo a Segunda Emenda o direito dos cidadãos dos Estados Unidos portarem armas. Para aqueles que celebraram a morte de Charlie Kirk, a ausência de compaixão era mero reflexo da mesma postura protagonizada pelo ativista assassinado.

Aqueles que repudiaram a celebração, contudo, também escolheram a hostilidade. Seja por meio de palavras de ordem que convocavam “a extinção da esquerda já”, seja por meio do incentivo de práticas simbólicas punitivas, as emoções mobilizadas em torno da polêmica foram majoritariamente hostis. As mensagens analisadas transformavam os adversários políticos em objetos de nojo e que, portanto, mereciam contenção e isolamento. Ou, então, evidenciavam o ressentimento do grupo que se identificava com Kirk ao se tornarem vítimas não apenas da violência física, mas também simbólica, a partir do escárnio sobre a morte do ativista.

Nossa análise se limitou às mensagens publicadas na plataforma X, o que restringe nossas observações ao tipo de interação desenvolvido nesta rede social. Analisar outros tipos de textos culturais e midiáticos, como artigos de opinião e editoriais jornalísticos ou até mesmo outros conteúdos em diferentes plataformas sobre o tema certamente ofereceria a oportunidade de observar distintos posicionamentos e sensibilidades a respeito do ocorrido. Contudo, acreditamos que a análise desenvolvida permitiu demonstrar como o foco nas emoções aversivas pode ajudar a compreender as controvérsias sociais e políticas articuladas no campo midiático e nas plataformas digitais.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. Introduction: Emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine A. (Orgs.). **Language and the politics of emotion**. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.

AHMED, Sarah. **The cultural politics of emotion**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

BIAR, Liana de Andrade; PASCHOAL, Fabiola Valle das Chagas. “(Não) Leia os comentários”: a disputa da notícia sobre o assassinato de Marielle Franco. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1051-1069, 2020.

BINKLEY, Sam. A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FREIRE FILHO, João. (org.). **Ser feliz hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 83-104

¹⁹ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/09/charlie-kirk-influenciador-morto-nos-eua-ja-defendeu-custo-de-algumas-mortes-pelo-direito-de-ter-armas.shtml>. Acesso em 22/02/2026.

- BRUDHOLM, Thomas. **Resentment's virtue**: Jean Améry and the refusal to forgive. Filadélfia: Temple University Press, 2008.
- BRUDHOLM, Thomas. Hatred as an attitude. **Philosophical Papers**, v. 39, n. 3, p. 289-313, 2010.
- BUCCI, Eugênio. A morte como piada. O Estado de S. Paulo, 27 de janeiro de 2022.
- FASSIN, Didier. On resentment and ressentiment: the politics and ethics of moral emotions. **Current Anthropology**, v. 54, n. 3, p. 249-267, 2013.
- FERREIRA, Dôuglas Aparecido; SIMÕES, Paula Guimarães. Comunicação: campo privilegiado para o estudo das emoções. **E-Compós**, v. 28, 2025.
- FREIRE FILHO, João. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. **MATRIZES**, v. 11, n. 1, p. 61-81, 2017.
- FREIRE FILHO, João; ANJOS, Júlia dos; LOPES, Amanda R. A ocultação do ódio: mídia, misoginia e medicalização. In: HELLER, Barbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da. (Org.). **Midiatização, (In)tolerância e Reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020, p. 61-81.
- GROHMANN, Rafael. Os rastros digitais na circulação de sentidos: pela desnaturalização e contextualização de dados na pesquisa em comunicação. **Galaxia**, n. 42, 2019, p. 150-163
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- KOLNAI, Aurel. The standard modes of aversion: fear, disgust and hatred. **Mind**, v. 107, n. 427, p. 581-596, 1998.
- KORSMEYER Carolyn; Smith, Barry. Visceral Values: Aural Kolnai on Disgust. In: KOLNAI, Aurel. **On Disgust**. Chicago: Open Court, 2004, p. 1-25.
- KARNAL, Leandro. A dor mais funda. O Estado de S. Paulo. 30 de outubro de 2019.
- MILLER, William Ian. **The anatomy of disgust**. Boston: Harvard University Press, 1998.
- PEREIRA, Marcus Abílio et al. #DescanseEmPazOlavo: mapeando identidades coletivas da extrema direita brasileira no Twitter. Revista FAMECOS, v. 31, n. 1, 2024.
- PLAMPER, Jan. Os discursos da antropologia. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História das Emoções**, v.3. Petrópolis: Vozes, 2020.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- SOLOMON, Robert C. **True to our feelings**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- VALENTE, Mariana. **Misoginia na Internet**. São Paulo: Fósforo, 2023.